

## JANE JACOBS: CONTRADIÇÕES E TENSÕES

Bianca Margarita Damin Tavolari  
USP

[biancatavolari@gmail.com](mailto:biancatavolari@gmail.com)

Em 2000, ano de sua campanha à prefeitura de São Paulo, Marta Suplicy (PT-SP) fez uma intervenção pública para explicitar sua visão para a cidade nos próximos anos. São Paulo deveria ter mais “vida nas ruas”, já que “quanto mais diversificado o uso da rua, maior a segurança” (Suplicy, 2000). A fórmula é devidamente acompanhada dos créditos: *The death and life of great American cities*<sup>1</sup>, de Jane Jacobs. Logo em seguida da gestão de Marta Suplicy, José Serra (PSDB-SP) foi eleito prefeito de São Paulo e o mesmo livro passou a ocupar sua mesa de cabeceira, além de ter sido recomendado para seus auxiliares mais próximos.<sup>2</sup> Após sua eleição para a prefeitura do Rio de Janeiro, César Maia (então PFL-RJ, hoje DEM-RJ) conclamou uma renovação da esquerda. A “esquerda mecânica” que dá título a seu artigo na *Folha de São Paulo* é associada à figura de Robert Moses, conhecido pelas demolições em massa e obras viárias que atravessaram bairros inteiros na Nova Iorque dos anos 1950 e 1960. A figura da renovação é a de Jane Jacobs, crítica explícita de Moses. Protagonista da resistência, ela teria sido responsável por apresentar “a todos a cidade das pessoas, dos vizinhos” (Maia, 2004). Sua admiração por Jacobs o levou a denominar a sede do Instituto Pereira Passos de Edifício Jane Jacobs.<sup>3</sup> Já Alfredo Sirkis (PV-RJ) diz que a autora – “uma heroína do nosso tempo” – escreveu o livro que teria mudado sua vida.<sup>4</sup>

As ideias de Jane Jacobs estão por toda parte. As referências se multiplicam não apenas entre políticos com as mais diferentes filiações no espectro partidário. Não é raro se deparar com menções à autora no debate público, especialmente quando a discussão gira em torno de intervenções urbanísticas na cidade.<sup>5</sup> Suas ideias aparecem tanto como parâmetro para diagnosticar problemas e potencialidades nas cidades existentes quanto como uma espécie de

<sup>1</sup> A primeira edição do livro é de 1961. A tradução para o português foi publicada apenas no ano 2000 sob o título *Morte e vida das grandes cidades*, o que elimina o recorte feito por Jacobs para tratar apenas das cidades norte-americanas. Por essa razão, utilizo o título em inglês para me referir ao livro ao longo deste artigo. Indicarei trechos e expressões do original em inglês em colchetes quando diferirem muito da tradução.

<sup>2</sup> SEGAWA, H. (2005). O livro de cabeceira do prefeito Serra. *O Estado de São Paulo*, Caderno Aliás, 16 de janeiro de 2005.

<sup>3</sup> Ver Decreto n. 26.414, de 26 de abril de 2006.

<sup>4</sup> <http://www2.sirkis.com.br/noticia.kmf?noticia=4588607&canal=257&total=222&indice=220>, acesso em 02.12.2014.

<sup>5</sup> Alguns exemplos são bastante ilustrativos, ainda que sejam bastante recentes. Eventos como a 10ª Bienal de Arquitetura e o Arq.Futuro tiveram inspiração em ideias de Jacobs [OLIVEIRA, V. (2013). *A cidade no centro, Valor Econômico*, 20 de setembro de 2013]. O fundador do Instituto de Urbanismo e de Estudos para a Metrópole – URBEM também se declara um adepto das teses da autora [CARIELLO, R. (2013). *Urbanista acidental: As obsessões e os dilemas de Philip Yang*, o empresário que pretende reinventar o centro de São Paulo, *Piauí*, ano 7, n. 84], assim como o empresário Rafael Birmann, dono de diversos empreendimentos na região da Faria Lima e que pretende privatizar uma rua no bairro do Itaim [SAYURI, J. (2014). Se essa rua fosse minha, *O Estado de São Paulo*, 10 de maio de 2014].

receita para alcançar ideais de cidade boa. Esse quadro aponta, de saída, para dois elementos importantes. Em primeiro lugar, a arena de discussão sobre o livro ultrapassa – e muito – os limites do debate especializado sobre urbanismo, seja ele acadêmico ou técnico. O fato de que algumas ideias de *The death and life of great American cities* tenham ganhado vida própria e apareçam no debate público de forma desassociada da referência ao livro é apenas mais um indício desse enraizamento. Em segundo lugar, o livro de Jacobs consegue acomodar posições práticas e teóricas bastante divergentes entre si, por mais que essa seja uma verdadeira fonte de mal-estar entre os que vêem Jacobs como heroína, profetisa ou visionária<sup>6</sup>. Isso mostra que ele se tornou o lugar-comum que organiza tanto a concordância quanto o conflito entre visões de cidade distintas, o solo sob o qual se estabelecem as diferenciações, em que posicionamentos são aproximados e disputados. Ou, para utilizar os termos do editor de um dos poucos livros que se propõem a discutir a obra de Jacobs sem recair na mera celebração, “muitos entenderam que ela era uma tela para projetar suas ideologias. Jane Jacobs teve um poder duradouro por muitas razões, mas uma delas certamente é o fato de oferecer alguma coisa para qualquer um” (Page, 2011, p.4, tradução minha).

Este artigo defende a hipótese de que a comemoração generalizada em torno dos principais argumentos de Jacobs em *The death and life of great American cities* constitui um bloqueio para leituras que pretendam analisar problemas e limitações internas a seu pensamento. Esse travamento impede tanto a superação de posições unilaterais ou maniqueístas, em especial no debate acadêmico, quanto o enfrentamento da questão de como o livro pode servir de base para visões e propostas tão distintas, sobre como pode “oferecer alguma coisa para qualquer um”. A ideia não é reconstituir o que Jacobs “quis dizer” e, assim, desautorizar alguns dos sentidos em que ela foi apropriada.<sup>7</sup> Trata-se antes de oferecer alguns pontos de apoio para uma perspectiva que procure explicitar as tensões do livro como elementos constitutivos de sua complexidade. Para tanto, a primeira parte reconstrói a principal tese do livro por meio de dois de seus argumentos mais influentes, a fim de dar alguns elementos que ajudem a contextualizar sua enorme repercussão. A segunda parte trata da construção da figura heróica de Jane Jacobs a partir de uma das análises mais sofisticadas sobre este tema: o último capítulo de *Tudo que é sólido desmancha no ar*, de Marshall Berman. A terceira e última parte faz uma análise bastante próxima ao texto da própria Jacobs para mostrar como ela

<sup>6</sup> A lista de atributos é extensa. Para um recenseamento dos adjetivos, ver, entre outros, HIRT, S. (2012). Jane Jacobs, urban visionary. In: HIRT, S., ZAHM, D. (eds.). *The urban wisdom of Jane Jacobs*. Londres: Routledge.

<sup>7</sup> Ver, por exemplo, HARVEY, D. (2008). *Condição pós-moderna*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, p.83.

estabelece uma relação específica entre ordem e desordem, chave de leitura que, a meu ver, explicita algumas das tensões que permitem a reunião de visões urbanísticas opostas sob o mesmo denominador comum.

### I. Imagens literárias fortes

Duas imagens de *The death and life of great American cities* são particularmente responsáveis pela difusão dos argumentos do livro. Na primeira delas, Jacobs narra um “complexo balé” (Jacobs, 2009, p.53) que acontece na calçada de sua rua no Greenwich Village. A dança é a imagem escolhida para descrever o movimento das mais diversas pessoas que passam desde o início da manhã até o fim do dia – as crianças que “desfilam” em direção à escola, o “ritual matinal” do movimento dos táxis, trabalhadores que seguem o mesmo curso todos os dias, “dançarinos excêntricos” como homens de barba em lambretas ou bêbados de chapéu, adolescentes de patins, até chegar a noite, quando “o balé continua sob as luzes, rodopiando para cá e para lá, mais forte nas poças brilhantes das luzes da barraca de pizzas do Joe, dos bares, da confeitaria, do restaurante e da farmácia” (Jacobs, 2009, p.53-55).

A força da passagem do balé da rua Hudson está em conseguir sintetizar argumentos cruciais para o livro como um todo. O primeiro argumento é o de que pessoas e grupos diferentes fazem usos distintos da rua em diversos momentos do dia. Se isso pode parecer uma obviedade, Jacobs aponta para a necessidade de que as ruas abriguem uma multiplicidade de funções para que isso possa de fato ocorrer. Certamente o balé não aconteceria – ou não aconteceria com a mesma diversidade – se a rua de Jacobs fosse estritamente residencial. Como há uma combinação de moradias com estabelecimentos comerciais de vários tipos e tamanhos, a rua é capaz de atrair públicos distintos que passam a também “entrar em cena” (Jacobs, 2009, p.53). O segundo diz respeito à espontaneidade associada ao balé. Para a autora, essa movimentação desperta o interesse por não ser uma coreografia previamente ensaiada e planejada em detalhes, uma “dança mecânica, com os figurantes erguendo a perna ao mesmo tempo, rodopiando em sincronia, curvando-se juntos”, mas um conjunto de trajetórias e representações de papéis que nunca se repetem da mesma forma, que estão “sempre repletos de novas improvisações” (Jacobs, 2009, p.52). Sua vitalidade está justamente na articulação imprevisível de uma série de elementos específicos que tornam a rua Hudson um lugar interessante para estar ou passar. O terceiro argumento diz respeito a uma forma de olhar atenta às relações sociais cotidianas desenvolvidas no espaço público da

rua. Uma das principais críticas de Jacobs ao planejamento urbano moderno é seu descolamento da sociedade, sua abstração que o levaria para longe das “coisas comuns e cotidianas” (Jacobs, 2009, p.1). De novo, se a afirmação de que a cidade é conformada por relações sociais parece óbvia, o relato de Lewis Mumford mostra que o posicionamento de Jacobs ressoou como uma grande novidade no início dos anos sessenta. Sua participação numa conferência de planejadores na universidade de Harvard é descrita por ele como “uma brisa fresca do mar” (Mumford, 1962, p.152, tradução minha). Isso porque ela “chamou atenção para um fato ao qual muitos planejadores e administradores eram indiferentes – que um bairro não é apenas um conjunto de prédios, mas um tecido de relações sociais” (Mumford, 1962, p.152, tradução minha).

Jacobs tira uma consequência importante da diversidade de usos da rua ao longo do dia, o que constitui a segunda imagem do livro que se tornou bastante popular. Além de tornar o espaço público interessante, “todos já sabem” que “uma rua movimentada consegue garantir a segurança; uma rua deserta, não” (Jacobs, 2009, p.35). A existência de “olhos nas ruas” gera “uma ordem surpreendente [‘marvelous’] que garante a manutenção da segurança [das ruas – ‘safety of the streets’] e a liberdade [da cidade – ‘freedom of the city’, Jacobs, 1992, p.50]” (Jacobs, 2009, p.52). Garantir o movimento em diversos períodos do dia faz com que a rua seja permanentemente vigiada mesmo por aqueles que estão apenas de passagem. O que Mumford qualificou como um “remédio ingênuo”, fruto de “*wishful thinking*” por apostar na desordem como fator de estabilidade social (Mumford, 1962, p.170), é hoje uma ideia amplamente aceita entre urbanistas profissionais.<sup>8</sup>

As duas imagens estão entrelaçadas e têm forte conotação literária. Não é à toa que Berman compara a passagem do balé da rua Hudson com grandes referências da literatura ocidental, como *Avenida Niévski*, de Nikolai Gógol (Berman, 2007, p.370). O modelo do balé e dos olhos nas ruas aponta para uma dimensão coletiva, ainda que isso só seja possível por existir um ponto fixo do olhar que acompanha a movimentação por um período de tempo, diferentemente do *flâneur*, que retrata um olhar que vagueia pelas ruas da cidade (Fraser,

---

<sup>8</sup> Ver, por exemplo, as declarações de José Armênio de Brito Cruz, presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil de São Paulo – IAB-SP, e de Guilherme Wisnik, professor da FAU-USP e um dos curadores da X Bienal de Arquitetura, no já citado OLIVEIRA, V. (2013). A cidade no centro, *Valor Econômico*, 20 de setembro de 2013. Para Brito Cruz, “[q]uando as pessoas vivem no ambiente comum, a violência não se instala, porque todos se relacionam com todos, é aquilo que Jane Jacobs chamava de ‘cidade com olhos’”.

2012, p.25). O olhar fixo do pedestre, à altura da rua, difere substancialmente da vista aérea do planejamento urbano moderno (Page, 2011, p.8). As passagens evocam no leitor a memória de já ter se colocado na posição de observador dos movimentos cotidianos da cidade, bem como a lembrança do sentimento de segurança diante de uma rua movimentada. A relação de identificação estabelecida pelas imagens é um dos fatores que podem ajudar a explicar a grande repercussão do livro.<sup>9</sup>

Outro ponto importante diz respeito à síntese das críticas de Jacobs ao planejamento urbano. A primeira frase de *The death and life of great American cities* parece não deixar maiores dúvidas sobre a proposta do livro: “Este livro é um ataque aos fundamentos do planejamento urbano e da reurbanização ora vigentes” (Jacobs, 2009, p.1). Não se trata, portanto, de apenas criticar as principais ideias e formas de intervenção defendidas pelos planejadores urbanos, mas de questionar as próprias bases nas quais elas se assentam. Se os alvos declarados de forma mais direta são “o planejamento urbano e a reurbanização modernos e ortodoxos” (Jacobs, 2009, p.1), eles são entendidos como apenas mais uma expressão das ideias que deram origem ao planejamento urbano na virada do século XIX. Para utilizar os termos da autora, “praticamente todo o planejamento urbano moderno é uma adaptação ou um remendo desse material absurdo” (Jacobs, 2009, p.19). No que diz respeito aos fundamentos, não haveria diferenças substantivas entre a cidade-jardim de Ebenezer Howard e a cidade modernista de Le Corbusier. Ambas seriam igualmente “absurdas”. Além de defenderem uma separação rígida entre os diferentes usos na cidade, a auto-suficiência das unidades projetadas e de abandonarem a rua como unidade básica do traçado urbano em favor das quadras e gramados, propostas tão distintas podem ser aproximadas na medida em que, para Jacobs, não passam de ideais abstratos que desconsideram a vida cotidiana das cidades. Assim, a história do planejamento urbano pode ser lida como uma série de modelos – com diferentes graus de utopia e de aperfeiçoamento técnico – que justificam e impõem uma ordem apartada da cidade existente.

Ambas as imagens contém essa crítica. O elogio à espontaneidade se contrapõe ao planejamento urbano ordenador que não vê vitalidade na aparente desordem. A figura do especialista é desestabilizada diante do conhecimento do pedestre, derivado da experiência de viver na cidade. A legitimidade do planejamento urbano moderno é colocada em xeque. Não é

---

<sup>9</sup> Para uma discussão aprofundada sobre o caráter literário da obra de Jacobs, ver ROWAN, J. C. (2011). The literary craft of Jane Jacobs. In: PAGE, M., MENNEL, T. (eds.). *Reconsidering Jane Jacobs*. Chicago: American Planning Association.

por outra razão que *The death and life of great American cities* é associado a uma mudança de paradigma científico no urbanismo (Page, 2011, p.7; Hirt, 2012, p.1) que teria antecipado as críticas de racionalização instrumental da vida que ganharam maior força em 1968.

## II. A heroína contra o “mundo da via expressa”

O epíteto de heroína dado a Jane Jacobs se sustenta em alguns fatores. O principal deles está no fato de que Jacobs não restringia seus posicionamentos apenas a seus livros. Ela foi uma militante ferrenha, principalmente quando a existência de seu bairro foi ameaçada pela construção de uma avenida exclusiva para carros. Presença frequente nas audiências públicas da comissão de Planejamento Urbano de Nova Iorque, foi retirada à força de algumas delas e presa em 1968 por perturbar uma reunião pública que tratava da construção de uma via expressa que atravessaria o Lower Manhattan, despejando muitas famílias em seu caminho (Martin, 2006). Além de todos os protestos que compõem sua trajetória de ativista, fonte de inspiração para diversas mobilizações em Nova Iorque e em outras cidades do mundo, essa espécie de figura mítica se consolida principalmente na relação de oposição forte com Robert Moses. Se seus confrontos foram de fato bastante raros (Page, 2011, p.9), a literatura – principalmente a acadêmica – foi responsável por estabelecer uma guerra campal entre dois pólos tidos como diametralmente opostos. Como afirmei anteriormente, a análise de Marshall Berman é a mais acabada e influente nesse sentido e, por essa razão, servirá de fio condutor para esta parte.<sup>10</sup>

Para Berman, a década de sessenta pode ser organizada a partir de duas ordens de simbolismo urbano radicalmente diferentes entre si (Berman, 2007, p.338). Por um lado, uma das ordens é representada por Robert Moses, responsável pelas obras públicas que deveriam “abrir caminho a golpes de cutelo” pela cidade, uma espécie de última figura da linhagem de construtores que remonta ao Barão de Haussmann (Berman, 2007, p.344). Enquanto Moses é a personificação do moderno e de seu espírito propulsor que não vê qualquer obstáculo para o progresso, Jane Jacobs é a corporificação da resistência. Mas não se trata de uma resistência qualquer. Para Berman, *The death and life of great American cities* “expressa com perfeição”

---

<sup>10</sup> A análise da relação entre Jacobs e Moses como antagonistas que relembram Davi e Golias não é exclusiva de Berman, ainda que seja provável que ele tenha sido o primeiro a tratar da questão nesses termos. Para uma interpretação mais recente no mesmo sentido, ver FLINT, A. (2011). *Wrestling with Moses: How Jane Jacobs took on New York's master builder and transformed the American city*. Random House: Nova Iorque.

uma oposição baseada numa fonte “tão moderna quanto o mundo da via expressa”: a vida cotidiana da rua (Berman, 2007, p.369). Assim, à primeira vista, o embate entre essas duas figuras comporia linhas de força internas ao projeto moderno.

Berman atribui a Jacobs “inúmeras profecias e sugestões corretas” (Berman, 2007, p.373), frutos de seu radicalismo e de sua originalidade. Entre as profecias, a imagem da espontaneidade da dança para retratar a cidade passaria a ser objeto da elaboração de diversos movimentos artísticos já ao final da década. Outro “tema profético crucial” seria oferecer “uma visão plenamente articulada de uma mulher sobre a cidade” (Berman, 2007, p.377), o que permitiria reabilitar o mundo doméstico como parte da modernidade, bem como antecipar questões que se tornariam importantes para o movimento feminista. Assim, o peso dado por Berman ao livro é bastante grande:

Creio que seu livro cumpriu um papel crucial no desenvolvimento do modernismo; sua mensagem era que muito do significado que os homens e as mulheres modernos buscavam desesperados encontrava-se, de fato, surpreendentemente próximo de suas casas, perto da superfície e nas imediações de suas vidas: estava bem ali, bastando que soubéssemos procurar (Berman, 2007, p.369).

Os problemas de uma abordagem dual que parte do completo espelhamento de dois personagens aparecem apenas ao final do último capítulo de *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Berman precisa quebrar a imagem da heroína que ele próprio construiu para dar conta do ar bucólico que permeia o texto, um dos pontos de apropriação dos ideólogos da ‘nova direita’ que teriam feito de Jacobs “um de seus santos padroeiros” (Berman, 2007, p.380): “abaixo da superfície de seu texto modernista há um subtexto antimodernista, uma espécie de contracorrente de nostalgia (...)” (Berman, 2007, p.380). Agora a posição de Jacobs precisa ser matizada e isso é feito a partir da relação entre texto e subtexto. A crítica que contrapõe uma forma de planejamento urbano abstrata e desenraizada dos laços sociais a uma vida pulsante da grande cidade estaria na superfície do livro, subjacente a uma perspectiva de regresso a uma vida bucólica, de valorização do bairro e da família em si mesmos, entendida como antimodernista. A dança da rua Hudson mostra uma interação bastante próxima entre vizinhos e comerciantes que se conhecem pelo nome. Os conflitos são esporádicos e remediados por esse todo social coeso que garante a segurança de todos. A vitalidade da cidade é atribuída a esse tipo de sociabilidade em que o conflito é marginal. Nas palavras de Berman, é uma visão da cidade “antes da chegada dos negros”: “[s]eu mundo abrange desde sólidos trabalhadores brancos, na base, a profissionais liberais brancos de classe média, no

topo. Não existe nada ou ninguém acima; no entanto, o que é mais importante aqui, não há nada ou ninguém abaixo – a família de Jacobs não tem enteados” (Berman, 2007, p.381). Ao contrário de *Avenida Niévski*, a descrição da rua Hudson não tem qualquer fantasmagoria.

Ainda que Berman reconheça a multiplicidade de camadas que o livro oferece, parece que texto e subtexto podem ser distinguidos e separados por completo, como se não houvesse interpenetração entre eles. Tanto é assim que Berman primeiro coloca Jacobs e *The death and life of great American cities* como representantes de um momento “crucial no desenvolvimento do modernismo” (Berman, 2007, p.369) sem trazer qualquer elemento antimodernista para o primeiro plano. A profetisa visionária e a mulher de classe média presa a vínculos domésticos e tradicionais não parecem se encontrar. Se a questão for colocada nesses termos duais, o quadro representado pelo livro encerraria uma contradição de difícil conciliação.

### III. A relação entre ordem e desordem

A proposta de uma leitura que leve as tensões internas ao pensamento de Jacobs a sério não pode partir de uma estrutura dual, em que o problema da contradição seria resolvido pela escolha por um dos lados em detrimento do outro, ou seja, pela adoção do viés moderno ou do antimoderno. Para que ambos possam ser mantidos sob tensão, é preciso olhar mais de perto a partir de que lugar a autora critica o planejamento urbano moderno. A relação que ela estabelece entre ordem e desordem é, a meu ver, um bom caminho para essa análise.

Como já indiquei anteriormente, um dos principais pontos da crítica de Jacobs ao planejamento urbano moderno se apoia no fato de que os planejadores desconsideram as relações sociais que se desenrolam nas cidades. Para a autora, os urbanistas se esforçam para entender como a cidade deveria funcionar a partir de modelos que eles próprios construíram e não a partir de como a cidade funciona de fato: “[é] tolice planejar a aparência de uma cidade sem saber que tipo de *ordem inata e funcional* ela possui” (Jacobs, 2009, p.14, grifo meu). Há, portanto, uma ordem natural das cidades que não se resume à aparência e que deve ser levada em consideração por um planejamento urbano que pretenda superar o estado de

pseudociência.<sup>11</sup> Mas, da perspectiva do planejamento urbano moderno, essa ordem inata não é percebida de imediato na medida em que ela surge como desordem, como parte do “comportamento aparentemente misterioso das cidades” (Jacobs, 2009, p.12-13) ou como enigma que os urbanistas não conseguem – e nem pretendem – decifrar (Jacobs, 2009, p.481). As imagens utilizadas por Jacobs são, novamente, bastante fortes:

É preciso ter compreensão para ver os complexos sistemas de ordem funcional como ordem, e não como caos. As folhas que caem das árvores no outono, a parte interna de um motor de um avião, as entranhas de um coelho dissecado, a redação de um jornal – tudo isso parece caótico se não for compreendido. Assim que são compreendidos como sistemas ordenados, eles realmente são *vistos* de modo diferente. (Jacobs, 2009, p.419, grifo original)

Essa ordem natural que se reproduz e regenera por si própria – tal como um organismo (Jacobs, 2009, p.488) – é a fonte da vitalidade defendida no livro. Há inúmeras passagens em que Jacobs explicita esse ponto: “As cidades vivas têm uma estupenda capacidade natural de compreender, comunicar, planejar e inventar o que for necessário para enfrentar as dificuldades” (Jacobs, 2009, p.498), “As cidades monótonas, inertes, contêm, na verdade, as sementes de sua própria destruição e um pouco mais. Mas as cidades vivas, diversificadas e intensas contêm as sementes de sua própria regeneração” (Jacobs, 2009, p.499). É esse plano que os planejadores urbanos não conseguem acessar. Eles pretendem ordenar o que percebem como caos a partir de formas subjetivas de pensamento (Jacobs, 2009, p.244), sejam elas derivadas da tradição utópica ou realista (Jacobs, 2009, p.418). Essa ordem artificial criada pelo planejamento urbano é fadada ao fracasso: “É a coisa mais fácil do mundo pegar algumas formas, dar-lhes uma uniformidade rígida e tentar impor o resultado em nome da ordem. No entanto, a uniformidade rígida, trivial, e os sistemas significativos de ordem funcional raramente são compatíveis com a realidade” (Jacobs, 2009, p.419).

Até aqui, o argumento pode ser sintetizado da seguinte forma: as cidades são naturalmente diversas, é a intervenção por meio do planejamento urbano que desvirtua essa vitalidade na medida em que se opõe à interação de usos e funções, à rua como espaço público por excelência – as ruas são entendidas como “órgãos mais vitais da cidade” (Jacobs, 2009, p.29) – e à alta densidade populacional. A crítica feita por Jacobs pode ser descrita a partir do que Boltanski e Chiapello denominam de crítica estética (*critique artistique*).<sup>12</sup> A manifestação

<sup>11</sup> Jacobs faz uma analogia entre o planejamento urbano e a prática da sangria na medicina tradicional. O planejamento estaria no mesmo estágio de superstição, apoiado em “dogmas” e “alicerces absurdos” por ainda não ter se lançado na “aventura de investigar o mundo real” (Jacobs, 2009, p.11-13).

<sup>12</sup> Ainda que não concorde com o conceito de crítica como um elemento funcional ao capitalismo, a distinção entre crítica social e crítica estética ajuda a situar o posicionamento de Jacobs, principalmente no capítulo em que os autores tratam dos

genuína da ordem da cidade só acontece quando ela está livre de coerção, impedimentos e limitações. Qualquer determinação externa parece limitar a possibilidade de autorrealização na cidade. Há uma exigência de autenticidade na crítica à uniformização e à perda da diferença, tanto que Jacobs ataca “a Grande Praga da Monotonia” (Jacobs, 2009, p.43) como um dos efeitos perversos do planejamento urbano. E a monotonia nada mais é do que “o oposto da interação de usos e, portanto, da unidade funcional” (Jacobs, 2009, p.142). Apesar de Jacobs não utilizar a palavra “autenticidade”, o tema está lá<sup>13</sup> – a ordem urbana natural também é descrita como uma “ordem *verdadeira* que luta para existir e ser atendida” (Jacobs, 2009, p.14, grifo meu). Assim, apesar de Jacobs insistir na atenção às relações sociais, o foco da crítica não é social. Despejos e falta de moradia são temas laterais no livro que, para ficar apenas no aspecto da habitação, está muito mais concentrado na insatisfação das pessoas de baixa renda com os conjuntos públicos, justamente em razão da falta de diversidade de usos desses empreendimentos.

Assim, não parece haver qualquer lugar possível para o planejamento urbano, que teria sido invalidado por completo. Essa ideia é ainda reforçada pela afirmação de que a maior parte da diversidade é criada por agentes privados (Jacobs, 2009, p.267). Por mais que a autora reconheça os limites de qualquer analogia biológica, a imagem da cidade como organismo vivo, autossuficiente e capaz de se regenerar sozinho também sugere que a atuação estatal seria desnecessária.<sup>14</sup> Mas Jacobs deixa claro que sua pretensão é “introduzir novos princípios no planejamento urbano e na reurbanização” (Jacobs, 2009, p.1) que partam da análise da ordem urbana natural e que respeitem as relações sociais existentes nos bairros que serão objeto de intervenção. A figura do Estado aparece apenas na terceira parte do livro, quando Jacobs aponta – pela primeira vez e de forma breve – para alguns elementos de destruição da diversidade gerados pela própria cidade ou por agentes privados. A função do planejamento estatal seria – novamente – a de garantir a diversidade por meio de instrumentos como o zoneamento e a tributação (Jacobs, 2009, p.280). Mas a função do Estado aparece sempre como residual: apenas para dar um exemplo, em vez de moradias construídas pelo poder

---

anos sessenta. Ver BOLTANSKI, L., CHIAPELLO, E. (2009). *O novo espírito do capitalismo*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, p.417 e seguintes.

<sup>13</sup> Ver ELLIN, N. (1996). *Postmodern urbanism*. Cambridge: Blackwell Publishers, p.1-3. A autora defende que *The death and life of great American cities* pode ser lido como reação à perda de sentido e do sentimento de lugar nas cidades, como forma de buscar por uma comunidade ou centralidade.

<sup>14</sup> Apesar dos problemas, a imagem biológica tem uma conotação positiva se considerarmos o contexto em que o livro foi escrito. Os urbanistas modernos costumavam associar a cidade à máquina. A perspectiva orgânica pretendia tanto se diferenciar dessa visão quanto denunciar sua ausência de humanidade, o que negaria a cidade como lugar de encontro. Para o mapeamento dessas analogias, ver ELLIN, N. (1996). op. cit., p.242 e seguintes.

público, a autora defende um sistema de subsídios para que os habitantes se tornem proprietários de suas casas (Jacobs, 2009, p.362).

A reconstrução da relação entre ordem e desordem permite ver que a crítica de Jacobs se abre para posicionamentos bastante distintos em relação à forma de planejar a cidade. Por um lado, a exigência de diversidade como autenticidade derivada do cotidiano é um forte argumento contra qualquer tipo de intervenção externa, principalmente estatal. As limitações ao livre desenvolvimento da cidade como organismo poderiam ser denunciadas como expansão da racionalidade instrumental para todos os âmbitos da vida, como criadoras de “desencanto, inautenticidade, [da] ‘miséria da vida cotidiana’, [da] desumanização do mundo sob o império da tecnicização e da tecnocratização” (Boltanski, Chiapello, 2009, p.200). Por outro lado, não é propriamente a crítica social que é endereçada, mas uma crítica da técnica como único critério legítimo para a tomada de decisões que afetam a vida das pessoas. A figura do especialista é colocada em xeque a todo tempo no livro, que valoriza a riqueza do conhecimento das pessoas comuns. A relação entre ordem e desordem abre, portanto, um flanco para o questionamento do planejamento urbano como procedimento. Isso gerou uma “reação imediata da esquerda (...) [de] convocar os próprios planejadores para virarem a mesa e praticarem o planejamento de baixo para cima” (Hall, 1988, p.394), movimento que serve de base para autores como Manuel Castells e David Harvey nos anos setenta.

### **Considerações finais**

*The death and life of great American cities* é um dos livros mais lidos e influentes sobre urbanismo de que se tem notícia. A pretensão desse artigo foi a de levar os argumentos de Jane Jacobs a sério e, portanto, apontar para limitações internas e tensões em seu pensamento. Se o livro se tornou o solo em que se apoiam as mais diferentes visões sobre a cidade hoje, isso exige um esforço renovado da crítica.

## Referências

- BERMAN, M. (2007). *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras.
- BOLTANSKI, L., CHIAPELLO, E. (2009). *O novo espírito do capitalismo*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes.
- CARIELLO, R. (2013). Urbanista acidental: As obsessões e os dilemas de Philip Yang, o empresário que pretende reinventar o centro de São Paulo. *Piauí*, ano 7, n. 84.
- ELLIN, N. (1996). *Postmodern urbanism*. Cambridge: Blackwell Publishers.
- FLINT, A. (2011). *Wrestling with Moses: How Jane Jacobs took on New York's master builder and transformed the American city*. Random House: Nova Iorque.
- FRASER, B. (2012). The 'sidewalk ballet' in the work of Henri Lefebvre and Manuel Delgado Ruiz. In: HIRT, S., ZAHM, D. (eds.). *The urban wisdom of Jane Jacobs*. Londres: Routledge.
- HALL, P. (1988). *Cidades do amanhã*. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva.
- HARVEY, D. (2008). *Condição pós-moderna*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola.
- HIRT, S. (2012). Jane Jacobs, urban visionary. In: HIRT, S., ZAHM, D. (eds.). *The urban wisdom of Jane Jacobs*. Londres: Routledge.
- JACOBS, J. (2009). *Morte e vida das grandes cidades*. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes.
- JACOBS, J. (1992). *The death and life of great American cities*. Random House: Nova Iorque.
- MAIA, C. (2004). A esquerda mecânica. *Folha de São Paulo*, Tendências e Debates, 22 de outubro de 2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2210200409.htm>, acesso em 06.12.2014.
- MARTIN, D. (2006). Jane Jacobs, urban activist, is dead at 89. *The New York Times*, 25 de abril de 2006. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2006/04/25/books/25cnd-jacobs.html?pagewanted=all&r=0>, acesso em 08.12.2014.
- MUMFORD, L. (1962). Mother Jacobs' Home Remedies. *New Yorker*, dezembro, n. 1.

OLIVEIRA, V. (2013). A cidade no centro, *Valor Econômico*, 20 de setembro de 2013. Disponível em: <http://www.valor.com.br/cultura/3276722/cidade-no-centro>, acesso em 02.12.2014.

PAGE, M. (2011). Introduction: More than meets the eye. In: PAGE, M., MENNEL, T. (eds.). *Reconsidering Jane Jacobs*. Chicago: American Planning Association.

ROWAN, J. C. (2011). The literary craft of Jane Jacobs. In: PAGE, M., MENNEL, T. (eds.). *Reconsidering Jane Jacobs*. Chicago: American Planning Association.

SAYURI, J. (2014). Se essa rua fosse minha, *O Estado de São Paulo*, 10 de maio de 2014.

SEGAWA, H. (2005). O livro de cabeceira do prefeito Serra. *O Estado de São Paulo*, Caderno Aliás, 16 de janeiro de 2005.

SUPLICY, M. (2000). São Paulo: fé e esperança. *Folha de São Paulo*, Tendências e Debates, 27 de janeiro de 2000. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2701200009.htm>, acesso em 07.12.2014.